



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ELÚSIA FONTENELE SOARES

CIGANIDADE ONLINE: As representações identitárias e culturais do Instituto Cigano do Brasil no *Facebook*.

REDENÇÃO

2023

**ELÚSIA FONTENELE SOARES**

CIGANIDADE ONLINE: AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS DO  
INSTITUTO CIGANO DO BRASIL NO *FACEBOOK*

Projeto apresentado como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Humanidades, na Universidade  
da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,  
UNILAB - Campus Palmares

Orientador: Prof.º Dr.º Lailson Ferreira da Silva

REDENÇÃO

2023

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	04
2. JUSTIFICATIVA .....	09
3. OBJETIVOS .....	11
4. REVISÃO DA LITERATURA .....	11
5. METODOLOGIA .....	14
6. CRONOGRAMA .....	15
7. REFERENCIAS BIBLIOGÁFICAS .....	16

## 1. INTRODUÇÃO

Os Povos Ciganos<sup>1</sup> de acordo com Hilknner (2012) se subdividem em três grandes grupos étnicos e chegaram ao Brasil oriundos de territórios distintos: os Roms, da Europa central, os Sintis, da Alemanha e França e os Calóns, da Península Ibérica.

No Brasil os ciganos são reconhecidos como Povos e Comunidades Tradicionais, através do Decreto 6.040/07<sup>2</sup> e os ciganos Calons<sup>3</sup> são o grupo étnico com maior representatividade em território nacional. Segundo Teixeira (2008) o degredo da família Torres no ano de 1574 é considerado o marco inaugural da chegada dos Povos Ciganos em território brasileiro, contudo, o autor contesta esse pioneirismo, afirmando que os documentos de degredos emitidos pela coroa portuguesa apenas comprovam a condenação do cigano João Torres para as galés e a substituição de sua pena para o degredo na colônia portuguesa em companhia de seus familiares, inexistindo registros quanto ao desembarque destes ou cumprimento de sua pena. A constatação do autor nos revela a falta de atenção aos Povos Ciganos como um fenômeno que se arrasta a séculos, uma vez que desde o Brasil colônia inexistem indicadores demográficos, sociais ou políticas públicas específicas para esta parcela da população.

Segundo o Relatório Brasil Cigano<sup>4</sup>, a inserção das etnias ciganas nos censos demográficos nacionais é uma das muitas emergências apontadas por instituições não governamentais que atuam na luta pelos direitos do Povos Ciganos. A Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC), realizada pelo IBGE no ano de 2011, em 291 acampamentos é apontada no mesmo documento como uma iniciativa ineficaz, que resultou numa subnotificação aja visto que gerou somente indicadores territoriais e uma estimativa irreal da presença de 800.000 indivíduos ciganos em território nacional, desconsiderando a reivindicação do movimento cigano quanto a um quantitativo de no mínimo 1,5 milhões de indivíduos.

---

<sup>1</sup> Por não se constituírem como uma comunidade homogênea e detentora de origens, identidades e culturas distintas, os ciganos se heteroidentificam em três grandes Etnias/Povos.

<sup>2</sup> Marco legal promulgado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 07/02/2007 que institui uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e insere os Povos Ciganos nos segmentos beneficiados.

<sup>3</sup> Ciganos ibéricos, conhecidos como gitanos em Portugal e na Espanha. Chegaram ao Brasil a partir do séc. XVI deportados de Portugal e falam as línguas Shib, Kalé ou Caló.

<sup>4</sup> Documento resultante do I Encontro Nacional dos Povos Ciganos, realizado em maio de 2013, em Brasília-DF pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República –SEPP/PR durante o governo Dilma Rousseff disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto\\_nacional\\_em/relatorio\\_executivo\\_brasil\\_cigano.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/relatorio_executivo_brasil_cigano.pdf)

Ao tensionar a subnotificação populacional dos ciganos no Brasil, o movimento aponta ainda que esta ausência de indicadores legitima a falta de atenção na proposição de políticas públicas específicas, pois como afirma Januzzi (2006, p. 32) “Os indicadores sociais são insumos básicos e indispensáveis em todas as fases do processo de formulação e implementação das políticas públicas”.

Segundo Cunha (2005) os primeiros esforços de atenção aos direitos dos Povos tradicionais no Brasil se deram somente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, uma vez que este foi o primeiro marco que “legitimou” a pauta das minorias étnicas brasileiras. Embora a Constituição cidadã seja reconhecida nacionalmente como importante dispositivo para redemocratização do país, é certo afirmar que sua promulgação não foi suficiente para garantir visibilidade e políticas públicas específicas para os Povos Ciganos, uma vez que somente vinte anos após sua promulgação o poder público desenvolveu as primeiras iniciativas de atenção aos Povos Ciganos, entre as quais podemos destacar: o Dia Nacional do Povo Cigano, decretado no dia 24 de maio de 2006 pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, o decreto 6.040/2007 que deliberou sobre a implementação de uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, a Cartilha Povo Cigano, O Direito em suas mãos, produzida pela Fundação Santa Sara Kali em 2008 com objetivo de apresentar políticas públicas, onde e como acessá-las e o Estatuto dos Povos Ciganos<sup>5</sup>.

Vale ressaltar que embora as citadas iniciativas sejam celebradas como conquistas por parte do movimento social cigano, estas não garantiram efetivamente políticas públicas específicas e se limitaram somente ao reconhecimento dessa população enquanto Povo Tradicional.

O movimento social cigano no Brasil é uma iniciativa recente, somente a partir da década de 80 aparecem no cenário político nacional as primeiras organizações ciganas. Na atualidade o movimento contabiliza inúmeras organizações representativas. Contudo, a comprovação da existência dessas instituições ainda é uma tarefa difícil. Não há dados oficiais e sua atuação é constatada apenas nos espaços virtuais, nos expedientes, fichas técnicas, listas de presenças, atas e documentos gerados nas instâncias de participação e controle social (grupos de trabalhos, comissões, etc.) não existindo dados sistematizados sobre quantas, quais são, onde se localizam e qual sua atuação internacional e nacionalmente.

---

<sup>5</sup> PLS 248/2015, projeto de lei do senador Paulo Paim (PT-RS), que dispõe sobre educação, cultura, saúde, acesso à terra, moradia, trabalho e ações afirmativas em favor dos povos ciganos em tramitação no Senado Federal.

Uma dessas organizações é o Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano do Brasil - ICB, fundado em 2018 no Estado do Ceará. No ano de sua fundação o ICB direcionou seus esforços ao atendimento de comunidades ciganas localizadas em três municípios cearense; Sobral, Pindoretama e Caucaia. Durante este período iniciou também suas primeiras iniciativas para o exercício do controle social, chegando a ocupar acento em alguns comitês e conselhos setoriais entre os quais: o Conselho Estadual de Segurança Alimentar, o Conselho de Saúde do Município de Caucaia, o Comitê dos Trabalhadores da Cultura do Município de Caucaia, o Fórum Cearense dos Povos e Comunidades Tradicionais do Ceará e a Rede Cearense de Trabalhadores da Cultura Cigana.

Entretanto, foi diante do contexto de pandemia de COVID 19, que sua atuação se fortaleceu e a partir das redes sociais, especificamente na plataforma Facebook, ampliando significativamente sua representatividade para 15 estados do território nacional e dois países da Europa; Bélgica e Portugal. Essa expansão pelas redes sociais se deu a partir do engajamento de novos seguidores, ciganos e não ciganos a nível global e local que passaram a contribuir com as pautas do movimento, assumir cargos em coordenações locais, representações nos espaços sócio políticos, a realização de ações e atividades e a geração de conteúdos no perfil institucional no Facebook.

No contexto cearense há mais duas organizações da sociedade civil atuando na promoção e defesa dos direitos dos Povos Ciganos: ASPRECE - Associação de Preservação da Cultura Cigana do Estado do Ceará e ASCOCIC- Associação Comunitária dos Ciganos de Condado e embora estas organizações sejam antecessoras do ICB no Estado do Ceará, numa simples visita em seus perfis no Facebook identificamos que a atuação destas sejam a nível local ou nas redes sociais não se equiparam ao alcance que o ICB detém.

A presença do ICB nas redes sociais, expressa a teoria de Giddens (2000) sobre o processo de globalização e as mudanças que emergem deste processo. Para além da mera possibilidade de comunicar com uso das tecnologias da informação, a globalização possibilitou ao ICB novas formas de produção em diversas áreas. Esse aspecto pode ser observado nas comunidades e redes virtuais como Facebook e WhatsApp onde o ICB demonstra avanços na formatação de parcerias, difusão de pautas, produção de conteúdo, propagação de ideias e interação junto aos mais diversos segmentos da sociedade.

É visível que no mundo globalizado, a internet rompeu com o modelo tradicional de comunicação, sua tecnologia em rede deu “poderes” aos interlocutores, os retirando da condição de meros receptores de informações para produtores de conteúdo e formadores de opinião. Nesta perspectiva, as organizações sociais estão cada vez mais se apropriando das

tecnologias de informação, redes e espaços virtuais fato que vem repercutindo positivamente na capacidade de mobilização de parcerias, reverberação de suas pautas e especialmente na formação de opiniões.

A atuação do ICB nas redes sociais iniciou em 01 de outubro de 2018 com a criação do perfil institucional na plataforma Facebook, acessado pelo link [www.facebook.com/institutociganodobrasil](http://www.facebook.com/institutociganodobrasil). No contexto de pandemia do COVID 19, precisamente a partir de março de 2020, a página da organização alcançou o número de mais de 4.000 seguidores e uma Linha do Tempo (timeline) com mais de 900 publicações. Contudo, é relevante ressaltar que a ampliação do número de seguidores e o fortalecimento das inserções de conteúdos só chegaram a esta proporção quando a organização delegou a tarefa de administração e criação dos conteúdos para lideranças ciganas oriundas de diversos estados brasileiros, que de forma colegiada e voluntária passaram a atuar como administradores no perfil.

As postagens no perfil do ICB são compostas por textos, imagens e vídeos que abordam as pautas prioritárias do movimento social cigano, as emergências das comunidades e acampamentos ciganos, sua atuação e resultados alcançados nas instâncias de controle social e posicionamentos sobre disputas de pertencimento étnico que geram grande interação entre seguidores ciganos e não ciganos. Alguns símbolos são acionados como maior frequência enquanto representações identitárias ciganas, entre os quais: a bandeira cigana, Santa Sara Kali<sup>6</sup>, a música flamenca e a “dança cigana”. Algumas publicações têm maior alcance junto aos seguidores e outras são mais recorrentes na timeline.

As publicações com maior alcance trazem em seu conteúdo as memórias e tradições ciganas, tais como: a bandeira cigana, as línguas ciganas, as carroças num contexto de nomadismo, ciganos vestidos com roupas tradicionais, ciganos adornados em ouro, o exercício de práticas e ofícios culturais ditos ciganos, narrativas sobre formas de ser ou não ser cigano, sons que remetem a musicalidade oriental ambientando imagens históricas e questões espirituais relacionando Santa Sara Kali como a Padroeira dos Povos Ciganos.

Nas publicações de maior recorrência observamos que as representações se afastam dos símbolos tradicionais ou as inserem em contextos contemporâneos, com conteúdos que abordam o fazer sócio político da entidade, como por exemplo: a bandeira cigana compondo cartazes de eventos, lideranças ciganas em encontros sócio políticos com indumentárias

---

<sup>6</sup>Sara Kali é a santa negra, não canonizada, oficialmente eleita a padroeira dos Povos Ciganos na 1ª Conferência Romani realizada em 1971 na Inglaterra.

performáticas e questões da espiritualidade transitando entre Santa Sara, o catolicismo, o protestantismo e as religiões de matriz africanas.

A partir das imagens e dos vídeos publicados é possível identificar disputas de poder nas narrativas entre os “Ciganos de Sangue e Ciganos de Alma.”<sup>7</sup> Ao mesmo tempo que as representações identitárias e culturais acionadas são utilizadas para legitimar o pertencimento étnico pelos chamados “Ciganos de Sangue” essas mesmas representações são utilizadas para deslegitimar os denominados “Ciganos de Alma” quando estes reivindicam o direito de exercer a cultura a partir de um suposto pertencimento étnico transcendental. Este campo de disputa é muito presente na página do ICB e visibilizado nos inúmeros embates presentes nos comentários, sinalizando a existência de uma disputa de narrativas sobre quem é ou não é cigano

A pesquisadora Brigitte Grossmann em sua tese de doutorado CIGANOS ROMS NO BRASIL: imagens e identidades diaspóricas na contemporaneidade (2018) já havia identificado disputas de poder identitário e cultural dentro do movimento social cigano. Em 2018 ao explorar o processo de construção dos personagens ciganos, na novela Explode Coração produzida pela Rede Globo em 1995, a autora identificou que a representação dos personagens geraram muitos conflitos e que isso se deu porque os Roms sempre acionaram uma identidade étnico-política pautada num senso de superioridade, “Os Roms brasileiros percebem a si mesmos como pessoas diferentes e continuam a manter uma identidade baseada na linguagem (Romanie), mitos, valores, crenças, símbolos e clãs e laços de parentesco dentro e fora do Brasil.” A forma como as personagens ciganas foram representadas trouxeram várias insatisfações na comunidade: a inserção das personagens ciganas num modo de vida contemporâneo por exemplo, foi tratada como falta de respeito com as tradições, a interação das personagens no modo de vida dos não ciganos, etc. Embora as lideranças ciganas reconhecessem que a abordagem dos Povos Ciganos na telenovela traziam visibilidade para suas pautas, nem todos celebravam a iniciativa e dentro da comunidade os assessores sofreram vários repúdios.

Na página do ICB no Facebook as representações acionadas também geram muitos conflitos. O Ciganos de Alma e Ciganos de Sangue disputam nos comentários, uma suposta ciganidade homogênea, pautada numa cultura muito próxima a identidade da etnia Rom,

---

<sup>7</sup> Categorias Identitárias Ciganas identificadas pelo antropólogo Igor Shimura no processo de auto declaração étnica junto as comunidades ciganas; Ciganos de Sangue acionam o fator biológico e de parentesco consanguíneo enquanto que os Ciganos de Alma acionam fatores culturais e transcendentais.

muito embora os Povos Ciganos sejam multiétnicos e com interações de níveis globais e locais diferenciadas.

Diante desse contexto, é visível que o ICB está acionando pelo Facebook, a ciganidade de uma etnia que se autodenomina ciganos autênticos e que subjuga outros Povos Ciganos ao se considerarem superiores. Contudo, aparentemente inexistente qualquer análise crítica em torno disto por parte da organização. Assim sendo, se nas publicações de maior alcance e maior recorrência não estão sendo representadas a multiculturalidade e as diferentes formas de ser cigano no contexto brasileiro, inevitavelmente questiono: estaria o ICB acionando uma “ciganidade específica como estratégia para mobilização de militantes ao movimento e fortalecimento de sua atuação sócio política?”

A afirmação de Fannon (2008), “ Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” contribuirá para análise daquilo que suponho ser uma “ciganidade positivada” acionada pelo ICB e sua relação com o processo de colonização vivenciado pelos Povos Ciganos no Brasil. Ciente dos avanços e das possibilidades de articulação que as redes sociais proporcionam para o ICB, proponho neste projeto analisar de forma interdisciplinar algumas implicações envolvidas neste processo, como por exemplo: identificar que representações identitárias e culturais estão sendo acionadas, os contextos para sua produção, os atores envolvidos, as interações estabelecidas e as implicações destas no fazer sócio político da organização. Assim sendo, analisaremos a atuação do ICB no ambiente virtual, por meio de suas publicações na plataforma Facebook com objetivo de analisar a ciganidade<sup>8</sup> acionada e as implicações em sua atuação sócio política.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Sou cigana da etnia Rom e me aproximei do movimento social cigano do Ceará a partir do perfil do ICB no Facebook no ano de 2018. Na ocasião estava realizando o levantamento de minha árvore genealógica e recebi do ICB o apoio necessário para concluir o processo e garantir minha heteroidentificação.

A partir desse primeiro contato, meu vínculo com o ICB foi se fortalecendo e culminou com minha participação no quadro de colaboradores da organização, na condição de

---

<sup>8</sup>Rezende (2000) se refere à ciganidade como algo subjetivo, essencialista, afirmando que se trata da “essência do ser cigano” e “o sentimento inefável do ser cigano”.

voluntária, no período de 2019 a 2021 quando atuei como coadministradora do perfil da organização no Facebook.

Durante essa atuação, desenvolvi uma pesquisa na internet com vistas a identificar quais eram as entidades ciganas atuantes no Ceará, os canais virtuais utilizados por essas organizações, o perfil de seus seguidores e o conteúdo acionado, para que pudesse elaborar um plano de ação e pautar minha atuação enquanto administradora do perfil. Nesse levantamento identifiquei três organizações ciganas atuando no Ceará e a plataforma Facebook como o canal prioritário, uma vez que não encontrei a presença dessas organizações em outras plataformas (Instagram, Twitter, etc.).

Vale destacar que os perfis das organizações ASPRECE<sup>9</sup> e ASCOCIC<sup>10</sup>, no *Facebook* apresentavam quantitativos e indicadores de publicações, seguidores, engajamentos, comentários e alcance em menor escala quando comparadas ao perfil do ICB na mesma rede social, muito embora o perfil do ICB não seja aquele com maior tempo de criação.

Ao observar os conteúdos publicados, identifiquei que estes não abordavam apenas a participação de seus membros nas atividades realizadas ou sua atuação nos espaços sócio políticos, mas também difundiam imagens e vídeos, onde a identidade e a cultura cigana eram representadas em contextos e narrativas afastadas da realidade cotidiana de suas comunidades no Brasil. Me surpreendi ao perceber em narrativas que objetivavam valorizar a cultura cigana ou legitimar o pertencimento étnico, que estavam sendo acionadas representações identitárias e culturais visivelmente relacionadas a Povos Ciganos de regiões da Europa central, leste europeu ou mesmo da Península Ibérica.

Partindo, destas constatações e compreendendo que o modelo identitário hegemônico no ocidente é branco e eurocentrado, trato como relevante, investigar o acionamento e o posicionamento do ICB a partir das representações identitárias e culturais acionadas em seu perfil no Facebook, pois suponho estar diante de um fenômeno que dialoga com a afirmação de Mignolo (2008) “... O controle da política de identidade reside, principalmente, na construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como a aparência “natural” do mundo. ”

---

<sup>9</sup>Associação de Preservação da Cultura Cigana do Estado do Ceará, organização da sociedade civil, sem fins econômicos com sede no município de Caucaia/CE e perfil no Facebook criado em 17/06/20 disponível link: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064140781449>

<sup>10</sup> Associação Comunitária dos Ciganos de Condado, organização da sociedade civil, sem fins econômicos com sede no município de Condado/PB e perfil no Facebook criado em 19/04/2014 disponível no link: <https://www.facebook.com/ASCOCIC> criado em 19/04/2014

Nesta direção analisar as publicações do ICB no Facebook torna-se extremamente relevante nesta pesquisa, pois possibilitará compreender as questões ideológicas e relações de poder envolvidas pois segundo os estudos sobre colonialidade e poder de Quijano (2005) o mundo globalizado é um novo padrão de poder, fruto do capitalismo colonial/moderno e como novo padrão de poder mundial expressa e funciona sob a mesma experiência de dominação colonial, o eurocentrismo.

Acredito que as conclusões advindas desta pesquisa serão contribuições importantes para o fortalecimento do movimento social cigano, uma vez que possibilitarão uma reflexão sobre como as ciganidades acionada nas redes sociais atuam na práxis sócio-políticas do movimento social cigano, favorecendo assim decisões que favoreçam efetivamente suas lutas, pois de acordo com Fazito (2006) as representações negociadas na construção da imagem dos ciganos, são influenciadoras tanto das políticas a que são submetidos, como em suas experiências cotidianas

### **3. OBJETIVOS**

**3.1 Objetivo geral:** Analisar a ciganidade acionada pelo ICB no *Facebook* e as implicações em sua atuação sócio política.

#### **3.2 Objetivos específicos:**

- Mapear as publicações do ICB no período de 2019 a 2022;
- Coletar amostragens das publicações de maior alcance e recorrência por meses de referência;
- Investigar as representações identitárias e culturais acionadas;
- Compreender a interação entre seguidores ciganos e não ciganos.

### **4. REVISÃO DA LITERATURA**

Na pesquisa Projeto Identitário e Codificação Política dos Gypsies no Brasil e Canadá, a autora Miriam Alves de Souza (2013), reconhece que as primeiras iniciativas de construção de um movimento social cigano no Brasil se deram a partir da década de 80, por iniciativa das

primeiras organizações ciganas. merecendo destaque a União Cigana do Brasil (UCB)<sup>11</sup>, entidade representativa da etnia Rom, precursora do movimento social cigano brasileiro e referência até os dias de hoje. Em uma de suas conclusões a autora afirma que a etnia Rom ocupa lugar de vanguarda na mobilização de ciganos para defesa de seus direitos, uma vez que as primeiras iniciativas internacionais e nacionais partiram de lideranças dessa comunidade.

O pioneirismo dos ciganos da etnia Rom no movimento social cigano no Brasil está diretamente relacionado a construção do movimento social cigano na Europa. Em 1934, a família Rom, polonesa Kwiek, iniciou um dos primeiros processos de defesa de direitos para os Povos Ciganos, na ocasião reivindicando a criação de um “Estado Cigano” denominado Romanistão como reparação as perseguições e degredos históricos contra a etnia.

Segundo Shimura (2017) o debate pelos direitos dos Povos Ciganos se acirrou no pós 2ª Guerra Mundial, quando o governo Alemão deu início aos processos de reparação as vítimas do Holocausto e as lideranças ciganas reivindicaram a inserção dos Povos Ciganos no processo sem sucesso. O autor também aponta o 1ª Congresso Mundial Romani, realizado pelo então Comitê Internacional Cigano, em Londres no ano de 1971, com a participação de 14 delegados locais e internacionais como outro momento emblemático desta vez numa tentativa de instaurar um movimento transnacional cigano unificado.

Moonen (2013) ao bibliografar os Estudos Ciganos no Brasil, identificou que o Comitê Internacional Cigano tinha algumas pautas prioritárias para além da criação de um movimento Transnacional Cigano que diante da dificuldade de unificação, só garantiram aprovação de três grandes consensos, entre os quais: a adoção da bandeira Cigana, do hino Djélem Djélem, do dia 8 de Abril como Dia Internacional do Povo Romani, ficando a proposta de adoção do termo Povo Roma no lugar de Povo Cigano rejeitada.

Segundo Melo (2010) no Brasil, os primeiros estudos abordando a temática cigana foram publicados em 1940 e se alinhavam ao período político demarcado pela busca de uma identidade nacional brasileira. Esses estudos eram culturalistas e sanitaristas e invisibilizavam as etnias, indígenas, negras e ciganas e somente a partir dos anos 90 os interesses voltaram-se aos estudos culturais onde de forma mais significativa surgem os estudos sobre as comunidades Calons fixadas no nordeste brasileiro.

Pesquisadores como Cleiton Machado Maia e Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro são um bom exemplo desta afirmação, quando em 2020 refletiram sobre os Estudos Ciganos

---

<sup>11</sup> União Cigana do Brasil, organização não governamental, sem fins econômicos, criada por Mio Vacite em 1990 com a missão de promover e defender a identidade e cultura dos Povos Ciganos.

no Brasil concluíram que as concepções sociais sobre esses atores foram sendo abordadas de acordo com o momento histórico. No Brasil Império (1886 a 1905) os ciganos eram concebidos como personagens voltados a diversão da corte, gerando assim produções romantizadas e folclorizadas. Na Primeira República (1889 a 1930) com o processo de construção de uma Identidade Nacional Brasileira acirrou – se a invisibilização dos Negros, Indígenas e Ciganos e os Estudos Ciganos foram se pautando nas teorias culturalistas e sanitaristas. Nos anos 80, período de redemocratização do país, os movimentos sociais emergiram da clandestinidade, tensionando discussões sobre identidade e reivindicações de direitos para grupos étnicos-raciais, que se refletiram também nas produções acadêmicas.

É importante ressaltar que no decorrer da pesquisa bibliográfica, não encontrei estudos na área da Sociologia Política sobre os Povos Ciganos no Brasil. Sabendo que o processo de colonização em nosso país foi conflituoso e que indígenas e negros protagonizaram inúmeras resistências, surpreendeu-me o fato de não encontrar referências sobre a participação ou posicionamento dos Povos Ciganos neste processo. Assim sendo, faz-se necessário abordar essa questão pois trarão indicativos importantes para análise da intencionalidade e motivação das representações adotadas para além da égide dos estudos culturais para evitarmos o que Macamo (2012) chamou de olhar fragmentado: “ ... desarticulado da História, do lugar onde ela ocorre, da qualidade de relações sociais que a nutrem, das motivações que a movem”.

Nos estudos contemporâneos, os ciganos são abordados na perspectiva de compreensão do processo de construção de suas representações sociais e trazem grandes contributos para compreensão de como são construídas suas representações sociais. No artigo Representações sociais de ciganos: ancoragem histórica, categorização social e a invenção do outro cigano de BBONOMO, M.; MELOTTI, G.; LUCAS, L. S.; BATISTA, R. R.; CARDOSO, G. K. de A.; ELEOTÉRIO, I. S (2020) os autores nos alertam que nas sociedades modernas as representações sociais sobre os ciganos não são construídas apenas no passado, mas também reposicionadas no presente por diversos atores entre os quais a mídia. Neste sentido, acrescento a responsabilidade das organizações sociais ciganas enquanto entidades representativas como atores ativos na difusão dessas representações e principalmente nos espaços virtuais.

Nesta mesma perspectiva o artigo Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo de BERNARDES, F. & BARBOSA, C. (2018) as novas mídias digitais são apresentadas como constructos importantes para o fortalecimento da participação e mobilização social. Neste contexto, os estudos netnográficos a partir de obras como: Ciganos

na Internet: Análise antropológica das representações sociais sobre ciganos no ciberespaço de Maria Patrícia Lopes Goldfarb e José Aclécio Dantas (2015) auxiliam para compreensão destas questões dentro do ambiente virtual, enquanto território e espaço onde as identidades podem ser construídas e imaginadas com ou sem conexão com a identidade real.

Para dar conta do objeto de estudo em questão ire também utilizar dos estudos da linguagem, uma vez que quando falamos de representações acionadas em imagens e vídeos estamos falando de linguagem e a devida importância deve ser considerada de acordo com Fiorin (2008): “... ela possibilita influenciar e ser influenciado. Sem ela não se pode aprender sem ela não se podem expressar sentimentos. Sem ela, não se podem imaginar outras realidades, construir utopias e sonhos. Sem ela não se pode falar do que é nem do que poderia ser”.

Assim sendo, uma leitura interdisciplinar será fundamental para que possamos investigar as relações e práticas sociais a partir de todas as dimensões envolvidas Frigoto (2010).

## **5. METODOLOGIA**

O projeto ora apresentado trata-se de uma pesquisa exploratória, etnográfica virtual, de cunho quantitativo e qualitativo, com foco na investigação das representações identitárias e culturais acionadas pelo Instituto Cigano do Brasil em sua página no Facebook.

Neste projeto, a coleta de dados quantitativos, não reduz o trabalho de campo a meras manipulações matemáticas, mas auxilia no processo de descrição, detalhamento e análise das regularidades obtidas no mapeamento realizado nas publicações do ICB no Facebook, através da ferramenta Google Analytic, no intervalo de 2019 a 2022.

Para garantir uma análise exequível nas mais de 900 publicações realizadas pelo ICB no Facebook, utilizaremos teorias estatísticas para definição de amostras exequíveis e delimitar variáveis prioritárias: V1: publicações de maior alcance, aquelas com maior número de visualizações e interação entre seguidores e a variável dois – V2: aquelas com uma maior recorrência e presença na timeline. Portanto, toda problemática do projeto se ampara nas evidências da amostragem dessas variáveis no período de 2019 a 2022.

Na análise qualitativa, seguiremos o pensamento de Malinowski (1978) entendendo que fenômenos complexos não podem ser registrados por meio de perguntas ou de documentos quantitativos, mas observados em sua realidade e nesta direção a pesquisa de campo se pautará na observação participante aliada a netnografia pois como ressalta Kozinets (2014), para entender e/ou estudar uma determinada cultura e vida social, integrar

o estudo da internet e da comunicação mediada por computadores torna-se cada vez mais relevante na pós modernidade.

Assim sendo, nesta pesquisa etnográfica virtual, o “feedback e a checagem de informações com seguidores e administradores do perfil do ICB no Facebook se dará a partir de entrevistas e assim sendo, serão obedecidas todas as diretrizes da Comissão Nacional de Ética em relação aos procedimentos para pesquisas que envolvam o contato com participantes e ou coleta de dados (em qualquer etapa) em ambiente virtual.

## 6. CRONOGRAMA

<b>ATIVIDADES</b>	<b>Semestre 01</b>	<b>Semestre 02</b>	<b>Semestre 03</b>	<b>Semestre 04</b>
Mapear as publicações do ICB no período de 2019 a 2022;	X			
Coletar amostragens das publicações de maior alcance e recorrência por meses de referência;	X			
Investigar as representações identitárias e culturais acionadas;	X		X	
Compreender a interação entre seguidores ciganos e não ciganos.		X		X
Entrevistas com administradores e seguidores <i>Facebook</i>			X	
Revisão de literatura e de novas referências bibliográficas	X	X	X	X
Participação em Eventos Acadêmicos		X		X
Produção acadêmica/Publicações		X	X	X

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATULI, Mirian Stanescon. Povo Cigano: o direito em suas mãos. Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH. 2007.

BERNARDES, Fabriciani; BARBOSA, Celia. Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 12, n. 1, 2018.

BONOMO, Mariana *et al.* Representações sociais de ciganos: ancoragem histórica, categorização social e a invenção do outro cigano. Memorandum 37, Belo Horizonte, 2020.

BRASIL. PL.248/2015 Estatuto dos Povos Ciganos disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=120952>>.

CAIRUS, Brigitte Grossmann. Ciganos Roms do Brasil: imagens e identidades diaspóricas na contemporaneidade. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CUNHA, Jamilly Rodrigues Da. "Olhe nosso Centro! Aqui somos todos ciganos": construções identitárias e dinâmicas políticas entre os ciganos de Sousa - PB. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

DANTAS, José Aclécio; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. As representações sociais sobre ciganos na internet. *In: V REA, XIV ABANNE*, Maceió, 2015.

FANON, Frantz. Cap. 1 - O Negro e a Linguagem; Cap. 5 - A Experiência Viva do Negro. *In: Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 33-51; p. 103.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 49, n.2, p. 689-729, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0034-77012006000200007&c>>.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea: estudos neolatinos*, v. 10, p. 29-53, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *Ideação*, v. 10, n. 1, p. 41–62, 2010.

GIDDENS, Anthony. O mundo na era da globalização. Lisboa: Presença, 2000.

HILKNER, Regiane Rossi and HILKNER, Mauro. Ciganos: um mosaico étnico. *In: Proceedings of the 4th. Congresso Internacional de Pedagogia Social Congresso Internacional de Pedagogia Social*, São Paulo, 2012.

JANNUZZI, Paulo De Martino. Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fonte de dados e aplicações. Campinas: Alínea, 2006.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MACAMO, Elísio Aquino De Bragança. Estudos africanos e interdisciplinaridade. *In*: CRUZ E SILVA, Teresa; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves (Orgs.). Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Dakar: CODESRIA, 2012. p. 63-73.

MAIA, Cleiton Machado; MONTEIRO, Edilma Do Nascimento Jacinto. Dossiê: Estudos Ciganos no Brasil – Perspectivas e Entrelaçamentos Etnográficos. *Novos Olhares Sociais*, v. 3, n. 2, p. 3-9, 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. A antropologia e os estudos sobre e com os ciganos no Brasil, 2013.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOONEN, Frans. Ciganos e ciganólogos: estudar ciganos para quem e para quê? Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Regimento da 1ª Conferência de Promoção da Igualdade Racial disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Igualdade\\_Racial/decreto\\_regimento\\_1\\_conferencia\\_promocao\\_igualdade\\_racial.pdf](https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Igualdade_Racial/decreto_regimento_1_conferencia_promocao_igualdade_racial.pdf)>.

Relatório Executivo Brasil Cigano (2013) disponível em: <<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Relat%20Executivo%20Brasil%20Cigano.pdf>>.

SHIMURA, Igor. Ser Cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante. São Bernardino, Califórnia, 2017.

SOUZA, Mirian Alves de. Ciganos, Roma e Gypsies: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá. Rj – Niterói. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFF PPGA.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos Ciganos no Brasil. Núcleo de Estudos Ciganos, Recife. 2008.